

TRIBUNA Livre

6
ABRIL
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

Os inconvenientes de fumar OU O PERIGO DO TABACO

O «Jornal do Médico», n.º 691, de 21 de Abril de 1956 contém a seguinte local:

«O tabaco é, como se sabe, irritante e tóxico para o organismo humano, sobre o qual actua por meio de produtos de combustão e pelos alcalóides.

Já se puderam extrair mais de 45 substâncias de fumo do tabaco, das quais nada menos de 15 apresentam propriedades cancerígenas. Assim, ao lado das poeiras nocivas (gases dos escapes dos motores, asfalto, resíduos ambientais, etc.) cujo papel no aumento do cancro deve ser posto em destaque, em particular nas cidades, o tabaco justifica inteiramente os muitos trabalhos empreendidos no sentido de lhe averiguar a nocividade.

Além da nicotina, veneno violento, do qual bastam algumas fracções de gota para provocar a morte em animais de pequena porte, é preciso citar a nicotianina, igualmente muito perigosa. A penetração no organismo faz-se por via digestiva, na qual a barreira hepato-intestinal representa um obstáculo importante, e por via pulmonar, pela qual a nicotina penetra facilmente na circulação através do epitélio alveolar dos pulmões».

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social entende que deve generalizar esta local, com o fim manifesto de acordar a consciência sanitária de muitos inveterados fumadores, não só para que estes, reconhecendo a origem de muitos males, ponham de parte o seu nocivo vício, ou se morigerem, se não forem capazes de o abandonar.

Os Educadores e os Chefes de família podem evitar ou atenuar com palavras persuasivas e pelos inconvenientes acima apontados, esses males aos adolescentes jovens que lhes estão confiados.

Além da nicotina, veneno violento, do qual bastam algumas fracções de gota para provocar a morte em animais de pequena porte, é preciso citar a nicotianina, igualmente muito perigosa. A penetração no organismo faz-se por via digestiva, na qual a barreira hepato-intestinal representa um obstáculo importante, e por via pulmonar, pela qual a nicotina penetra facilmente na circulação através do epitélio alveolar dos pulmões».

EDITORIAL UNIVERSUS

Lenda da Brasília

O nome de Brasília, nesta lenda, é uma antecipação da Brasília, capital das Terras de Vera Cruz.

Na narração que a explica perpassa um drama conjugal em que o amor só esmorece quando a morte lhe põe termo.

A saudade da Pátria trouxe à sua terra de origem um português que mourejou no Brasil — e que nesse regresso se fez acompanhar pela mulher — brasileira de nascimento.

Mas a saudade não resolveu o problema do casal — complicou-o. Dessa complicação resultou o drama. O homem volta a emigrar e deixa a mulher entregue a si mesma — e a Deus.

E a pobre, curtindo mágoas, mostra-se corajosa, conseguindo realizar um trabalho fecundo e frutificador.

HORA DE VERÃO

No próximo domingo, dia 7 de Abril, os relógios serão adiantados 60 minutos, entrando-se, desta maneira, na chamada hora de verão

PRIMEIRO: O HOMEM

Por mais voltas que a gente lhe dê, por mais que examinemos o caso desta ou daquela banda, o problema fundamental é sempre o mesmo. O que está na base, o que é da raiz, o que há-de condicionar tudo o resto, é a educação, é a formação dos homens. Dizia Paul Bourget que a constituição da Alemanha tinha sido antes de mais nada uma obra de alma. Quando se diz a Alemanha, não se limita a compreensão do grande país aos aspectos políticos que possa ter ocasionalmente. Não. Não é a Alemanha imperial do chanceler Bismarck e de Guilherme II, não é a Alemanha vencida de Weimar, não é a Alemanha social-democrática de Stressemann, não é a Alemanha nacional-socialista de Hitler, não é a Alemanha de Adenauer e de Ehrhardt. É a Alemanha com o sentido de unidade, de solidariedade nacional, de trabalho, de sacrifício e de recuperação. Essa Alemanha cons-

truida sobre as virtudes naturais do povo e as condições próprias da sua existência, por um intenso trabalho pedagógico, em que todos colaboraram de maneira certa — essa é que foi e é, antes de mais nada, uma obra de alma. Se o não fôra, o milagre alemão, que é o título de glória do ministro Ehrhardt, talvez não tivesse passado de algumas leis muito bem feitas, de alguns esforços muito bem intencionados, mas sem outro valor senão o de pedras que se deitam no charco.

Também a Inglaterra é, ainda, uma obra de alma. Por debaixo do individualismo inglês, há um sentido de coesão nacional, de solidariedade, de integração num esforço colectivo, que explica a grandeza épica da resistência depois do desastre de Dunquerque, da mesma forma que explicam a inocuidade de certas fantasias parlamentaristas. É que não faz mal todos falarem, a puxar cada qual para seu lado, quando no fundo pretendem exactamente o mesmo.

O problema fundamental é, portanto, este: formar espíritos, formar mentalidade, dar sentidos comuns de vida e de acção; sobrepondo a moral aos interesses.

Isto na ordem geral, como nos diferentes sectores particulares. Ainda agora, no primeiro volume do seu parecer sobre as Contas gerais do Estado em 1961, o Engenheiro Araújo Correia, com a autoridade de quem estuda, de quem sabe, e de quem pensa sobre os assuntos, volta a uma questão, diz ele, que está no fundo de todo o problema nacional. E explica:

«A vida moderna progressiva baseia-se no desenvolvimento da inteligência e das aptidões de cada um. A mentalidade do indivíduo, a sua capacidade de iniciativa, as suas faculdades de observação, o emprego das suas possibilidades mentais constituem hoje em quase todos os sectores da vida social e económica fundamentos de progresso. Parece que o agregado nacional ainda se não apercebeu desta verdade intangível, que pode transformar em poucos anos zonas atrasadas em zonas prósperas. A reforma da mentalidade nacional, como, por diversas vezes tem sido vincado nestes pareceres, condiciona a adopção de medidas que tendam a alargar os benefícios de uma educação mais realista e mais intensiva, aproveitando os melhores valores e inoculando-

lhes o espírito de coesão nacional e solidariedade social que ainda falta em alguns sectores.

«Para isso será necessário alterar métodos de ensino em quase todas as graus, alargar a sua projecção até aos melhores valores mentais, tornar práticos os resultados da cultura e educação nas oficinas, nos campos e em toda a organização social.

«Só deste modo se poderá aumentar sensivelmente a produtividade do trabalho, orientado no sentido do bem comum, de todas as camadas sociais.»

O problema, na realidade, é só um — um problema fundamental, exactamente como o classifica o eng. Araújo Correia. Mas desdobra-se em vários aspectos, uns impulsionando no passo que lemos:

Primeiro — o aspecto de formação profissional e técnica, digamos de competência e brio profissional dos trabalhadores portugueses, em todos os seus escalões, desde o operário até ao engenheiro, ao médico, ao dirigente de empresas e de serviços. Concretizemos:

— Quais os elementos basilares dessa formação?

— Como realizá-la? Quais os meios? Qual a extensão? Quais os agentes para o conseguir?

Segundo — o aspecto de formação ética geral do homem português.

Seria injustiça não se reconhecer que tem havido algumas boas intenções e algumas tentativas daí resultantes. Simplesmente, o que houver de ser feito nesta matéria exige uma autêntica mobilização geral. Não vai com boas vontades isoladas. Não vai com tentativas parcelares. Tem de começar por ser o embrião de uma obra de alma, porque só assim se transformará efectivamente em obra de alma — na obra de alma que há-de ser necessária para a própria reorganização económica da Nação. Ainda há pouco o ministro da Economia assinalou indirectamente essa necessidade, quando respondeu a um jornalista que o interrogara sobre problemas agrários:

— «Uma lei vale o que está no seu texto, mas vale fundamentalmente pela execução que dela se fizer. Ora é nossa intenção executar as leis com o melhor espírito, mas com esta ideia: contar que uma lei tem sempre de vencer resistências, na sua aplicação; e para as vencer não pode só criar opo-

(Continua na 6.ª página)

Caldelas vai ter a PROMETIDA PISCINA

Desde há bastante tempo que a Junta de Turismo de Caldelas vem trabalhando com o maior interesse no sentido de datar aquela estância termal com uma piscina.

Acaba de receber a comunicação oficial de que o Secretariado Nacional de Informação comparticipou a dita obra com 887.500\$00, dos quais 447.750\$00 podem já ser despendidos no corrente ano, o que é garantia de que as obras se iniciarão em breve.

A Direcção da Junta, a que preside o Sr. dr. Ortigão de Oliveira e tem como vogais os srs. António Alves, José de Oliveira e Adelino Correia, vê assim coroados de êxito os seus esforços.

Caldelas é, como tantas vezes aqui temos dito, um grande valor para o Concelho que temos de embelezar porque bem o merece.

TRIBUNA FEMININA

A mulher perante a vida — Culinária —

«A garota seguia tranquila o seu caminho, indiferente aos vultos com que cruzava. Nada nos seus modos denotava provocação ou desejo de agradar. Era jovem, simpática sem ser bela, voluntariosa e esquiiva. Caminhava resolvida e segura, mas discreta. A despeito da sua abstração reparou, de repente, que alguém a seguia. Enervou-se impotente para solicitar que respeitasse a sua solidão. E ao verificar a insistência do atrevido, as faces porpurearam-se-lhe de raiva e revolta. Entretanto, o «Taurus» rodava rente ao passeio, como se a acompanhasse a passo.

Surdamente, martelavam-lhe no cérebro pensamentos confusos. Tentava fingir que não era consigo. Mas o carro, ali, a seu lado, era uma chaga que doía. «A caça à fêmea»: — e esta ideia repetia-se, ampliava-se e queimava-a. «Sou mulher». As lágrimas marejavam-lhe os olhos. Parou. A dor era insuportável. Fitou o interior do carro. O automobilista inclinou-se para abrir a porta. De voz embargada, ela disse qualquer coisa como «O cavalheiro enganou-se» ou não vê que se enganou?». De dentro do carro responderam algo que o zumbido que lhe atordoava os ouvidos não deixou compreender. O automóvel acelerou a marcha e desapareceu na curva de uma rua».

Eis um facto verídico que se repete milhares de vezes ao dia. Nem sempre a reacção da «escolhida» é esta. Algumas vezes gosta—falo de raparigas honestas—acha engraçado e goza com a paspalhice do D. Juan falhado. Mas outras vezes a insolência fere-a pelo incorrecto e humilhante da atitude, pelo pouco respeito pela dignidade da mulher e ainda por haver outras que entram.

O insólito do caso é que os sedutores encartados, os que não sabem distinguir a mulher que deseja ser convidada e a que considera esse convite um insulto são, em geral, homens maduros, a maior parte casados e com filhos, justificando com os seus actos, os daqueles que cortejam as suas filhas de igual maneira. Por quê os homens de meia idade, os que têm responsabilidades, são os que mais usam deste processo de «conquista»? A razão é visível, dir-me-ão. Eu sei-a: casados e com filhos não podem romantizar os seus fins, servindo-se do namoro; não têm já idade para esperar e os automóveis são sua propriedade, como pessoas de vida organizada. As razões estão visíveis, mas não justificam nada, porque um homem na plenitude da sua inteligência, experiente da vida e dos homens, tem

por obrigação distinguir a mulher que se presta a mistificações. E ainda que, ao primeiro relance, não saiba distinguir, tem obrigação retirar-se quando a mulher despreza o convite. Desfaz-o por honestidade ou por outras razões; ao homem cumpre não teimar na proposta, até por amor próprio. Ainda por amor próprio devia prescindir do automóvel como meio de sedução. Não é humilhante para quem tem o mínimo de sensibilidade saber-se aceite por este ou aquele motivo exterior e não por si mesmo? Ou a sensibilidade e os sentimentos nobres têm aplicação só em determinadas circunstâncias? Infelizmente, sucede assim.

Também é comum o assédio do automóvel conquistador—porque a conquista é do automóvel e não do automobilista—conseguir impressionar a imaginação da rapariga fútil, que não pensa só numa aventura momentânea, mas num futuro sumptuoso de facilidades e felicidades. Apesar da experiência demonstrar às cabecinhas loucas, atra-

vés de inúmeros casos, que a miragem doirada breve se desfaz, há um constante renovo de enganadas pela própria ilusão, que, inevitavelmente, redundam em infelizes. Infeliz pode-se ser sempre, sabe-se;

Continua na 4.ª página

Ovos escalfados

Aqui temos agora uma receita de ovos escalfados recomendável. Prepara-se depressa, excita o apetite e é um excelente prato de verão.

Ponham-se numa caçarola

uma colher de banha e um pouco de manteiga. Faça-se um molho «Sauce russe», a que se junta um copo de água; tempere-se de sal e pimenta e juntem-se-lhe uma colher de mostarda francesa, um meio copo de vinho branco, um pouco de vinagre e uma folha de estragão picada.

Deixe-se cozer e engrossar. Durante este tempo, escalfem-se ovos em água a ferver, temperada de limão, dispoña-se cada ovo sobre uma fatia de pão frito em manteiga; reguem-se com esse molho os ovos; salpiquem-se com a salsa pisada.

Uma boa omeleta

Batem-se três ovos, juntam-se-lhes uma colher das de sopa de leite, três colheres das de sopa de pão ralado muito fino, sal e pimenta.

Enrola-se como é habitual, coloca-se numa travessa aquecida, cobre-se com molho de tomate bem quente, rega-se com manteiga derretida e serve-se imediatamente.

Rápido, Rápido...

Numa casa, por mais que se faça, sobram sempre restos de comida, saiba torná-los irreconhecíveis. Para tal utilize presunto!

Sobrou salada russa ou jardineira de legumes? — Embrulhe-a numa fatia de presunto.

Sobraram ovos cozidos? — Forme um carlucho com o presunto e coloque dentro dele o ovo, guarnecendo à volta com raminhos de salsa.

Sobram batatas cozidas? — Corte-as em quadradinhos, assim como uma fatia espessa de presunto. Coloque tudo isto, dentro dum tomate cru, que esvaziou previamente. Depois do tomate recheado, coloque a tampa.

Sobrou vitela? — Coloque sobre uma fatia de vitela, uma fatia de gruyère, ou uma camada de queijo parmesão ralado. Recubra com uma fatia de presunto. Ponha uns pedacinhos de manteiga e leve ao forno quente.

Sobraram espinafres? — Corte com a tampa duma lata, rodela de presunto. Parta miúdo os bocados que ficaram entre as rosetas. Coloque sobre os espinafres as rodela de presunto, ligando-as pelos pedacinhos picados.

É ou não um grande auxiliar o presunto?

Telefone do serviço permanente dos Bombeiros Voluntários de Amares

6 2 1 6 2

Tenha a seu lado uma verdadeira companheira!

«JORNAL FEMININO»

DA MULHER PARA A MULHER

É a companheira, mais amiga, mais completa, porque lhe dá bons conselhos e porque a distrai.

Moda, Cinema, Beleza, Culinária, Bordados, Crochet, Tricot, Consultas, Horóscopo, Romance.

Envie a foto de seu bebé para a redacção de:

«JORNAL FEMININO», Rua D. João IV, 904 PORTO

Faça acompanhar essa fotografia de dez selos de 1\$00 e verá o seu bebé na Galeria Infantil desta revista.

JORNAL FEMININO, uma revista feminina que os homens gostam de ler.



Toalha

Uma linda toalha dá sempre à mesa de umasalaum encanto especial.

TRIBUNA do CONCELHO

Mais um autorizado Diagnóstico

por Elisio Gonçalves

Com a devida vénia e para os devidos efeitos transcrevemos parte de uma notícia publicada no Notícias de Guimarães, de 31 de Março findo e que vem de encontro à opinião de pessoas práticas e ofendidas nos seus interesses agrícolas. Diz o noticiário:

Tem sido fértil o momento em sugestões e ideias a respeito da grave situação da Lavoura e, apesar disso, a sua gravidade aumenta.

Surgem opiniões, recebem-se medidas que se o doente não morre da doença, pelo menos não escapa da cura...

Fala-se em «gestões» e «pilotos» e, de facto, a barca da agricultura navega em mar revolto, entre baixos e perigosos escolhos, onde naufragará irremediavelmente se não aparecer um piloto capaz de a levar a porto de salvamento.

Ora, a situação é grave demais e a necessidade de um salvatério é tão urgente, que essas abstrações tornam-se em verdadeiras utopias.

O que a Lavoura deseja, são medidas de efeitos imediatos para lhe abrir o caminho para a prosperidade, de forma a alcançar um nível económico satisfatório e permitir, a quem nela labuta, a fuga da sua condição de inferioridade em que se encontra, relativamente a outros mistérios industriais. Após, isso, então, a tal preconizada gestão é possível fazer-se de maneira conveniente aos interesses dos próprios lavradores, e as suas propriedades tornar-se-ão exemplares e verdadeiros modelos pilotos.

Mas, antes de tudo, o que a Lavoura precisa é que lhe pague bem aquilo que produz.

Não se pode dar lições de técnica ou ministrar princípios de organização profissional e gerência a gente de barriga vazia.

É perder tempo, feito e dinheiro. O pagar bem os produtos do campo, é conseguir que a vida do lavrador tome novo aspecto, se desenvolva de bom agrado, suba na escola social e, então, o aperfeiçoamento do cultivo, a gestão metódica e útil da empresa alcançará uma eficiência notória e virá, naturalmente, como consequência do seu desafogo económico.

Só pagando-lhe bem, o homem do campo se livra da penúria em que vive e que qualquer ser humano odeia intrinsecamente.

Mal o homem se livra da miséria, a sua forma de viver, a sua mentalidade e os

seus costumes modificam-se. Procura uma casa melhor, veste com mais apuro, ama o asseio e deseja instruir-se.

O progresso dos povos manifesta-se pelo grau de prosperidade económica que usufruem.

Terminamos felicitando o autor da notícia e também quero lembrar mais uma vez que a Lavoura já tem à sua disposição o crédito indispensável a juro de 2% para melhoramentos agrícolas e só assim poderiam ser efectuados mas também era justíssimo que as Caixas de Crédito Agrícola baixassem o juro para 2% para as crises de produção que é um dos factores que tem concorrido para aumentar as dificuldades dos lavradores. Vejamos a soma que atinge o Crédito das Caixas Agrícolas e por aí se vê a razão do grande mal que é preciso remediar. O diagnóstico está feito e o doente só morrerá se não lhe for aplicado o remédio indicado imediatamente.

1.ª publicação

TRIBUNAL DA COMARCA DE AMARES ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, na acção especial de arbitramento, para divisão de coisa comum pendente na Secção de Processos, movida pelos autores Albertina Rodrigues e marido Avelino da Silva Azevedo, proprietários, de Rendufe, desta comarca, contra JOÃO ANTÓNIO DA ROCHA, casado, lavrador, ausente em parte incerta de França e com última residência conhecida no lugar de Passos, freguesia de Barreiros, é o referido réu CITADO para contestar no prazo de DEZ dias, que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenado no pedido que os autores deduzem naquele processo e que consiste em se proceder à adjudicação ou à venda do imóvel objecto da acção, seguindo-se o determinado no art.º 1.060 do Cod. Proc. Civil.

Amares, 30 de Março de 1963.

O Escrivão,

a) Vitor Manuel Lopes Afonso

VERIFIQUEI

O Juiz de Direito,

a) Fernando Adelino Fabião,

Vida elegante

Aniversários

Dia 11— O Snr. José Alvim da Silva.

Dia 12— O Snr. José Manuel de Macedo.

ANIVERSÁRIO

Passou o seu aniversário natalício na passada Terça-feira, dia 2, a Snra. D. Julia Arantes Russel Martins, irmã dos nossos particulares amigos e assinantes deste Jornal Snrs. Adão Arantes Russel e Amâncio Arantes Russel, proprietários na vizinha freguesia de Carrazedo.

Pela passagem de tão faustosa data, «Tribuna Livre» deseja-lhe a continuação desta, por longos anos.

SALVÉ 7-4-63

Passa amanhã o seu aniversário natalício o menino Carlos Alberto Almeida Barbosa de Macedo, filho querido do Snr. João Barbosa de Macedo e da Snr. D. Luiza Belmira de Araújo e Silva.

Por tão faustosa data seus pais e mais família deseja-lhe que esta se prolongue por muitos anos.

Uma pessoa amiga

SALVÉ 6-4-1963

Passa hoje, dia 6, o seu aniversário natalício, o Snr. Arnaldo Gonçalves Vieira, empregado comercial da firma José J. Leite desta vila.

Por tão faustosa data sua família e colegas desejam-lhe muitas felicidades e que esta data se repita por intermináveis anos.

Aniversário

Na próxima Segunda-feira passa o seu aniversário natalício o nosso particular amigo e assinante deste semanário, Snr. Amâncio Arantes Russel, proprietário na vizinha freguesia de Carrazedo, irmão do Snr. Adão Arantes Russel, funcionário da Câmara de Amares, aposentado.

Por tão faustosa data sua irmã deseja-lhe que esta se prolongue por muitos anos e faz votos por um prolongamento de boa saúde.

Tribuna Livre que não podia ficar alheia a este aniversário igualmente deseja ao ilustre aniversariante uma continuação de boa saúde e faz votos por longa vida na companhia de toda a família.

2.ª Publicação



TRIBUNAL DA COMARCA DE AMARES ANÚNCIO

No dia 14 do próximo mês de Maio, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca e nos autos de carta precatória vindo do Tribunal Judicial de Vila Verde e extraída dos autos de execução sumária que António José de Sousa, casado, proprietário, da Lama-Bouro Santa Maria — desta comarca move a Gracinda de Jesus Gonçalves, viúva do lugar de Lordelo, daquela freguesia, há-de ser posto pela primeira vez em praça e pelo valor de 9.000\$00 a meação da executada nos bens do casal dela com seu finado marido João da Silva.

Amares, 21 de Março de 1963.

O Juiz de Direito,

a) Fernando Adelino Fabião.

O Escrivão,

a) Vitor Manuel Lopes Afonso.

Lenda da Brasília

(Continuação da 1.ª página)

ma terrinha ridente do Minho, concitou admiração geral. E daí, o lugar onde a lenda nasceu e se fixou, tomar o nome de Brasília, lugar esse que se integra na freguesia de Escariz, concelho de Vila Verde, distrito de Braga.

A descrição desta lenda, com seus pormenores emotivos e sentimentais, é verdadeiramente enternecedora, pois assinala uma epopeia de sacrifício. É nisso que consiste a sua beleza e o seu encanto.

A lenda a que nos referimos insere-se no 2.º tomo da monumental obra publicada pela EDITORIAL UNIVERSUS — LENDAS DE PORTUGAL, acompanhada de outras três, e de que é autor Gentil Marques — que tem o segredo de poetizar as coisas simples que nascem do coração do Povo. O papel utilizado na impressão é do melhor, e acompanhando o texto são de assinalar as gravuras, ilustrações, extratextos, firmados por artistas plásticos de grande categoria.

As notas explicativas, no fim das lendas, são preciosas como achegas eruditas de manifesto interesse.

Visado pela Censura

CARRAZEDO 1-4-63

Deu entrada no Hospital de S. Marcos, em estado grave o Jornaleiro Armando Fernandes «o Armando Samorra», com um braço fracturado em duas partes e diversos ferimentos no corpo, por ter caído de uma ramada quando procedia ao arranjo da mesma.

R. A.

1.ª Publicação



TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

No próximo dia 24 de Abril, pelas 10 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e em virtude do ordenado nos autos de Execução Sumária que António Antunes Braga, solteiro, maior, lavrador, do lugar da Igreja, freguesia de Portela, Amares, move contra Domingos de Azevedo e mulher Maria Alves Martins, ele comerciante e ela doméstica, residentes actualmente na Rua do Doutor Alfredo Garcia Magalhães, número cento e setenta e cinco, da cidade do Porto, vai-se proceder á arrematação em hasta pública, em primeira praça, pelo maior lance oferecido acima dos valores que vão indicados, dos seguintes prédios penhorados áqueles executados:

PRIMEIRO — Casas e Campo do Eido, no lugar de Mouriz, freguesia de Pico, São Paio, inscrito na matriz urbana sob o artigo 219 e na rústica sob o artigo 597, descrito na Conservatória do Registo Prédial de Vila Verde, sob o número 44.848, a fls. 41 verso, do Livro B-114, que vai á praça por 78.948\$00;

SEGUNDO — Seis barracões de madeira, no lugar de Mouriz, da mesma freguesia, inscritos na matriz urbana sob o artigo 105 e descritos na Conservatória sob o número 44.850, a fls. 42 verso do Livro B-114, que vão á praça por 4.536\$00.

Vila Verde, 1 de Abril de 1963

O Juiz de Direito,

a) — Manuel Augusto Gama Prazeres

O escrivão da 1.ª Secção,

a) — Manuel Augusto Monteiro da Silva

Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»

Centro Piloto de Adestramento Agrícola

Continuação da 5.ª página

c) = Culturas hortícolas mais usuais.

d) = Cultura da vinha: = viveiros, instalação da vinha, amanhos.

e) = Vinificação e conservação dos vinhos.

f) = Pecuária: — exploração de bovinos em carne e em leite, em regime intensivo: recria e higiene pecuária; exploração de suínos com recria. Aviários: exploração de galinhas para ovos.

g) = Exploração florestal: — cultura do choupo com forragens; exploração racional das bouças do Minho.

O adestramento visará assim todas as culturas e noções de organização e contabilidade e de comercialização de produtos

serão orientados os adestrados para uma economia de mercado que os torne capazes de vir a ser lavradores evoluídos.

* * *

É da ordem dos milhares de contos o encargo que a montagem e manutenção de uma empresa destas, acarretam.

Pensam no entanto todos os que se interessam por esta iniciativa que terão a seu lado os que se preocupam com a salvação e progresso da lavoura no País, e crêm assim que o empreendimento será levado a bom termo, porque é a resultante duma análise real de um calamitoso estado de coisas e a expressão de uma necessidade imperiosa e imprescindível.

Por seu turno, a Federação das Casas do Povo porá ao serviço do Centro os seus serviços de Secretaria e tudo o que puder retirar do seu parco orçamento, esperando confiadamente que essa verba somada a outras = designadamente o auxílio da Junta Central das Casas do Povo, da Federação dos Grémios da Lavoura e destes próprios — possam bastar para fazer face às despesas normais de cada ano, incluindo uma subvenção mensal a pagar a cada frequentador do Centro para que assim a falta do produto do seu trabalho não desequilibre o respectivo orçamento familiar.

Desta forma tem a consciência de colaborar abertamente e servir de elemento aglutinante de esforços para um empreendimento que os Serviços Regionais da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas reputam fundamental.

A MULHER PERANTE A VIDA

(Continuação da 2.ª página)

mas que a infelicidade seja digna, que a consciência não perturbe ainda mais a amargura do sofrimento.

Mas estou a afastar-me um pouco do tema inicial, o que não desejo. Não é de um momento para o outro que o homem perderá um hábito adquirido e consentido há várias décadas. Que este tem de ser combatido, é evidente; mas como? Pela lição de dignidade e liberdade que urge, às mulheres, dar. Dignidade para querer o que é justo e recto, liberdade para seguir o que a sua consciência indique. Sobretudo saber querer, tendo força para afastar o que a prejudique no presente ou no futuro. Mas não se pode saber querer quando se não teve uma educação dos desejos e da vontade. Dizem que a mulher precisa de ter maior segurança, um maior poder de defesa que o homem. E naturalmente, salvo raras excepções, a mulher é fácil, por crédula e fraca. A ânsia de vida despreocupada condu-la a preocupações constantes e deprimentes.

(«Tenho de tomar uma resolução») = monologava ela consigo mesma. Parou, altiva e graciosa na borda do passeio. Simultaneamente, o

automóvel parou também. Tranquila, fitou o automóvel lista que, sorridente pela «boa sorte», se apressou a abrir porta.

= O senhor deseja alguma coisa de mim?

Embaraçado, mas sem o braço a torcer, ele murmurou:

= Entra.

Desdenhosa, com um acerto de desprezo na voz, ela respondeu, em comentário:

= Na verdade, encontram-se cada vez menos cavalheiros!

E seguiu rumo ao seu trabalho, céptica e prevenida.

São as empregadas as mais assediadas por este tipo de conquistadores, tanto porque andam na rua com frequência como por as imaginarem com necessidades económicas e por isso, mais sujeitas a serem tentadas. Este raciocínio precipitado e ilógico: A mulher que trabalha é um valor produtivo, que reconhece a sua utilidade e dignidade. Por de o seu salário não ser o suficiente para lhe proporcionar aquele mínimo de comodidades que ela deseja, mas se reconhecer o seu valor como mulher livre e útil, dificilmente se deixará iludir por uma aventura que só pode deixar um trazo de desilusão.

Irma de Lencastre

BOLETIM DE ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da obra «LENDAS DE PORTUGAL», enviando-me:

- * Um fascículo por mês, ao preço de VINTE ESCUDOS
- * Dois fascículos por mês, ao preço de TRINTA E SETE ESCUDOS E CINQUENTA CENTAVOS
- * Séries de seis fascículos, ao preço de CENTO E DEZ ESC.
- * Séries de doze fascículos, ao preço de DUZENTOS E VINTE ESCUDOS.

(Riscar o que não interesse)

Nome _____

Morada _____

(Escrever de forma bem legível)

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

LENDAS DE PORTUGAL

UMA OBRA QUE INTERESSA AO POVO PORTUGUÊS

TEXTO DE GENTIL MARQUES

Com numerosas ilustrações a cores,
dentro e fora do texto, pelos
Melhores Artistas Portugueses Contemporâneos

Fascículos de 32 páginas, formato 25,5x19,5

O TESOURO DISPERSO DAS NOSSAS
LENDAS TRADICIONAIS REUNIDO
PELA PRIMEIRA VEZ

Lá encontrará a lenda da sua Terra...

UMA NOVA EDIÇÃO DA
Editorial Universus

PORTO

Praça do Município, 287-2.º

LISBOA

Praça da Alegria, 58-2.º

Flor desfolhada

DE Gota d'Orvalho

Há quanto tempo esperava o meu bom amiguinho uma resposta? Quantas vezes me terá chamado preguiçoso? Na verdade, a preguiça me persegue, mas procurarei vencê-la, especialmente quando tenha necessidade de responder aos bons amigos. Perdoo o meu silêncio, e creia que ele não prova menos amizade.

Eis-me pronta a responder à sua missiva: Era meu intuito falar-lhe pessoalmente acerca do que nela expõe; mas como não é possível fazê-lo da forma que achava mais conveniente, esforço-me-ei por me exprimir o melhor possível. Sim, Jorge, estaria de acordo com tudo o que me pede, se não fôra a minha vida que quase posso comparar a uma prisão! Não sou livre, meu bom amiguinho, e quantas vezes pensei já em desistir dos estudos! Porém alguém me tem reanimado a lutar com coragem, embora que com sacrifício! Será mais um ano, para no início do mês de Julho de 56, derrubar o obstáculo que perante mim se depara! Esse alguém, é, sem dúvida, a Virgem SS.ma do Sameiro! Faltam-me três anos para concluir o curso. Durante este tempo não penso em namorar. Não quero de maneira alguma que meus Pais mais tarde me digam que não me formei por causa de A. ou B. Tenho um exemplo em casa, do qual, graças a Deus, o Jorge é sabedor. No entanto, não perca as esperanças. Somos ainda muito jovens, e temos tempo ainda para, num futuro risonho, nos podermos entender. Quanto às minhas confidências amorosas, ainda a ninguém as confiei. Queira desculpar-me.

Deseja-lhe as maiores felicidades a amiguinha, Lulu. Nesta carta, ainda que Lúcia se esforce por fazer reconhecer suas razões, Jorge vê apenas a diplomática maneira que Lúcia adoptára para disfarçar as asperezas de um Não formal. Contudo, conhecia de sobejo a severidade do Pai de Lúcia, e a guerra que Miquelina, quando estudante, pelo mesmo motivo, havia suportado; mas esta, ao contrário de Lúcia, era dotada de um espírito desamavelmente leviano, e chegara a perder os estudos simplesmente por causa de seus amores desregrados, o que obrigara o Pai a tomar severas medidas, dizendo mesmo descontinuar-lhe, e para efeitos futuros de herança, tudo o que, dizia ele, roubára aos irmãos, com despesas de estudos não aproveitados! Ainda a obrigara a trabalhar no campo, a ponto de provações não justificáveis!

Jorge, não desistira ainda totalmente, lembrando-se daquela misteriosa voz que anos anteriores lhe havia soado aos ouvidos, e só Lúcia, o Anjo Níveo, poderia ser a fiel companheira a si destinada. Sofria horrivelmente, mas «o sofrimento é próprio dos justos!», como adiante a Lúciazinha lhe havia de dizer!

As visitas à casa de D. Vasco haviam recomeçado já pelo Jorge, e este, sempre que a propósito se falasse de amores, dizia com toda a sua alma: Nem sempre o rapaz, a rapariga, têm a suprema felicidade de encontrar alguém que olhe no mesmo sentido! Se ele gosta com todas as veras do seu coração, ela... se não desgosta de todo, o seu querer não é suficiente para a boa constituição de uma Felicidade! Tem outro astro que, para si, brilha com mais intensidade! Neste momento, havia olhos que, magoados se cruzavam e, automática e indiscretamente, suspiros que se não podia abafar, e, neste gesto de paixão que se não pode exteriorizar, Jorge principia a reconhecer que aquele Anjo bebia no cálice do seu amor! — Quando a vida se cruzam dois seres cujo amor está na mesma relação, isto é, um vê no outro o Astro supremo da sua felicidade, ó ventura das venturas, continuava Jorge! O tostozinho da gaiata Lulu tornava-se lívido, o seu vernáculo seiozinho contraía-se, e mais parecia que no meio daquele sofrer silencioso, uma onda de júbilo lhe invadia a terna e delicada alminha! Amavam-se, dir-se-ia, como duas inocentes crianças! Os seus corações batiam, lado a lado, apesar da distância que os separava!

Os bilhetinhos, as cartas que se trocavam entre os dois apaixonados jovens, eram portadores de um misto de poesia envolvida na mais crua saudade! Focavam, todavia, a felicidade futura que anteviam, num Larzinho cheio de luz, repleto de amor e de carinho ante os olhos de Deus, um jardim em que antecipadamente viam correr uma filhinha fruto dos seus amores, a quem até, já tratavam pelo nome... A sua «Sãozinha» que idealizavam, pela semelhança que nela anteviam, modelo da Virgenzita de Nazaré!

E como Jorge deixava divagar o seu grande espírito pela sublimidade da poesia! Possuía agora a musa autora dos seus ternos, doces madrigais!

O embrião poético de que a sua imaginação mais tarde havia de ser fecunda, desenvolve-se, graças à silhueta de Lúcia, todo realçado do mais belo como ingénuo amor!

(Continua)

Centro Piloto de Adestramento Agrícola

A Federação das Casas do Povo do Distrito de Braga, em colaboração com a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, e com os Organismos Superiores da Organização Corporativa e os Organismos Primários e Intermediários representantes da produção, tomou a iniciativa de criar no Distrito de Braga um Centro Piloto de Adestramento Agrícola, destinado a melhorar as aptidões profissionais dos trabalhadores rurais.

Efectivamente uma rápida análise à situação actual da lavoura minhota e a fácil previsão do que o futuro lhe reserva, levam quem sobre o assunto se debruçar com atenção e cuidado, a concluir que uma coisa de que mais carece a agricultura do Minho é de quem saiba trabalhar da maneira mais conveniente e rendosa, quem saiba entender e ouvir as directrizes dos técnicos, quem saiba escolher as melhores explorações, quem saiba fazer contas e, finalmente, quem saiba comercializar os produtos. Em resumo carecemos de homens que saibam, embora dentro do condicionalismo existente, tornar rentável o seu trabalho.

Na verdade, uma das grandes crises da lavoura nortenha não é a apregoada falta de braços, mas sim a falta de bons braços orientados por cabeças conscientes do que fazem e por que o fazem.

Há que transformar a matéria prima humana de que se dispõe na lavoura, desvendando-lhe os novos horizontes, preparando-a para realizar o futuro que deseja, ajudando-a a vencer a tentação contínua do rotineirismo e do desinteresse, e a convencer a juventude dos campos que vale apenas o esforço, o trabalho e o sacrifício na terra.

O êxodo agrícola que actualmente se verifica não se está a processar segundo as linhas certas e necessárias de um conveniente equilíbrio, mas sim como uma autêntica e descontrolada fuga dos trabalhadores dos campos, que se por um lado é necessária e benéfica, *está a deixar na terra apenas os incapazes.*

Os salários são realmente baixos e a garantia de trabalho diário dependê em primeiro lugar da circunstâncias que escapam ao controle do homem. Em última análise, porém, o empresário agrícola só poderá obter melhor retribuição do seu trabalho quando for aumentada a reprodutividade deste.

Há pois que preparar quem saiba produzir mais e melhor, isto é, bons chefes de empresa, bons feitores, bons caseiros, bons trabalhadores rurais.

Não há para isso, que saibamos, qualquer obra ou organização. Na realidade o ensino relacionado com a agricultura é actualmente ministrado:

a) — Nos Cursos de Aprendizagem.

b) — Nas Escolas de Práticos Agrícolas.

c) — Nas Escolas de Regentes Agrícolas.

d) — Nas Escolas Superiores.

Quanto aos primeiros, já em funcionamento em várias freguesias deste Distrito, nota-se que sendo bem planificados no aspecto teórico, carecem de uma eficiente base prática que os torne efectivamente úteis e rendosos.

As próprias condições em que funcionam — com as aulas dadas quase sempre de noite — se possibilitam uma maior frequência de alunos não dão grande ocasião a que se realizem continuados e necessários trabalhos de campo.

Acontece até que, por causa disso mesmo e porque não são capazes de entender a teoria se não for acompanhada de conveniente demonstração prática, os rapazes que frequentam com interesse os dois primeiros anos do curso, vão desistindo depois durante a frequência dos dois últimos.

Há que reconhecer assim, que o enorme esforço económico que o Estado está a dispendir nesta realização, não virá a ter a conveniente compensação.

Relativamente às Escolas de Práticos Agrícolas, sabe-se também que não atingem o objectivo que nos interessa pois em grande parte os que delas saem procuram arranjar empregos em outros meios que não o rural ou em sectores que embora ligados à actividade agrícola, não podem ter o nome de prática agrícola...

É este um facto cujas causas não nos propomos nem nos compete analisar, mas que talvez conviesse estudar a sério até porque o fenómeno também se verifica em certa escala, relativamente às outras especialidades do ensino técnico.

Cremos no entanto, que haveria todo o interesse em que o ensino ministrado nas Escolas de Práticos Agrícolas e todo o ambiente em que os rapazes se movimentam durante o curso, fôsem de molde a não desenraizá-los da terra donde todos deveriam provir e onde todos — com a céntrica do amor — deveriam regressar.

Sobre as Escolas de Regentes Agrícolas e Escolas Superiores, nada temos a dizer porque o problema aqui não é aplicável.

Ele é, repetimos, o da preparação — preparação para que existam — de chefes de empresas familiares ou de trabalhadores com mentalidade evoluída no sentido da boa gestão da sua agricultura ou do bom desempenho das suas funções, capazes de fazerem bem as contas da sua actividade, sabendo utilizar uma máquina, tratar um pomar, conduzir rentavelmente uma exploração pecuária. Precisamos, numa palavra, de ter ao serviço efectivo da lavoura profissionais completos.

Os cursos de podadores, de mecanização, de adegoeiros, de capatazes fito-sanitários, etc., que a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas tem promovido e na realização dos quais temos

colaborado dentro das nossas possibilidades, são ao que sabemos os únicos elementos de adestramento profissional agrícola actualmente existentes.

Se muito bem deles tem resultado para a lavoura da Região, não são todavia a necessária solução.

Estes trabalhadores são adestrados por especialidades, sem lhes ser dada a coordenação e noção económica do emprego da sua actividade numa empresa que mercê da pulverização da propriedade nesta Região, poucas unidades de trabalho pode ocupar.

* * *

Não é, assim, um problema de ensino que se põe, mas uma questão de ir buscar aos seus meios os que já sabem algo e adestrá-los para que executem melhor e sobretudo mais rentavelmente, tornando-os receptivos à assistência técnica, preparando-os para uma colaboração íntima e franca uns com os outros e todos com os Serviços Oficiais, designadamente a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, de forma a enquadrá-los também no movimento que esta Direcção Geral com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, lançou nesta Região através dos Centros de Gestão Agrícola.

Não se pretende pois generalizar a toda a Região um tipo de preparação profissional mas sim demonstrar praticamente e sob todos os aspectos, o caminho que se deve seguir criando uma espécie de exploração piloto a que se entendeu dever chamar CENTRO PILOTO DE ADESTRAMENTO AGRÍCOLA.

Este Centro serviria de exemplo ao País e de incentivo para que as Entidades Oficiais responsáveis nele se inspirassem para generalizar este tipo de preparação profissional.

* * *

Os frequentadores deste Centro, recrutados na terra, filhos de caseiros, proprietários ou assalariados, com mais de 18 anos de idade, que houvessem frequentado com aproveitamento um curso de aprendizagem agrícola, estagiarão nele durante dois anos.

Nesse tempo, assistidos pelos técnicos agrícolas já treinados, com as categorias e no número que forem julgados necessários — e sempre com o apoio e sob a orientação do Posto Agrário de Braga — receberão os adequados conhecimentos e executarão todos os trabalhos ligados com as seguintes culturas:

a) — Milho, trigo, forragens temporárias e forragens anuais, desde a preparação do terreno e fertilização, aos amanhos e conservação.

b) — Pomicultura: — fruticultura intensiva com diversos porta-enxertos, preparação de plantas em viveiro, instalação de pomares e sua manutenção.

(Continua na 4.ª página)

Tribuna Desportiva

QUAL DOS DOIS

É MAIS BENFICA?

Por toda a Imprensa europeia a mesma ideia alastra, expressa de um ou de outro modo, com maior ou menor soma de razões explicativas: o Benfica está na terceira final da Taça dos Campeões Europeus, por lhe ter cabido em sorteio, para a meia final, o Feijenoord, campeão holandês.

Esta ideia da vitória certa do Benfica sobre a equipa holandesa baseia-se, especialmente, em dois factores: menor nível internacional do grupo de Roterdão e mais irregularidade nas suas exhibições.

Analisando o primeiro factor, nada se pode opor: é verdade que o Benfica, mercê dos resultados conseguidos em três anos, na Taça dos Campeões Europeus e em outros jogos com equipas estrangeiras, está a cotar-se como uma das mais fortes, se não a mais forte das equipas de futebol europeias.

Quanto ao segundo factor, aí há motivos já para não o aceitarmos sem discussão. Em primeiro lugar, a irregularidade de uma equipa, pelo simples facto de existir, deve tornar essa equipa temida: ninguém pode afirmar que nos dois jogos com o Benfica a irregularidade não dê para se registarem exhibições em cheio. Depois, há outro aspecto a verificar: até agora, a irregularidade do Feijenoord tem dado para fracas actuações nos jogos de campeonato da Holanda e jogos acertados, com vitórias sucessivas, nos encontros com os adversários que lhe têm cabido na Taça dos Campeões.

E não será descabido recordar que também o Benfica, este ano, tem sido equipa de grande irregularidade, alternando exhibições «à Benfica» com actuações apagadas, que a muitos têm levado a descrença nas possibilidades actuais do campeão português.

Temos assim que a uma equipa irregular, com pendor para os bons resultados nos jogos da Taça, vai opor-se a turma mais cotada, igualmente dotada de especial espírito nos desafios internacionais, igualmente irregular e com a responsabilidade do título de bicampeão da Europa.

Ao iniciar-se a disputa da actual Taça dos Campeões, os três grupos que com o Benfica chegaram às meias-finais poderiam alinhar com esta classificação: (1) — Milão; (2) — Dundee; (3) — Feijenoord. À medida, porém, que a temporada decorria e os resultados iam estabelecendo valores relativos, a hierarquia modificava-se, podendo hoje apresentar-se exactamente pela ordem inversa: Feijenoord, Dundee, Milão.

A turma italiana demonstrou que, embora sendo uma grande equipa, está gasta. Tem nos seus avançados elementos de grande valor, capazes de decidir um desafio em jogadas individuais. Altafini (ou Mazzola, como era conhecido no Brasil) continua a ser um grande jogador e o maior expoente da turma. Mas tanto ele como os seus companheiros são elementos conhecidos, desgastados, profissionais com por cento, capazes de dar o rendimento que deles se pode exigir, mas muito menos capazes de um arranque de energia, de um sacrifício superior ao das suas próprias possibilidades. A equipa está sensivelmente no mesmo escalão em que se encontrava no ano passado o Real Madrid: madura para ser apeada do seu pedestal.

Quanto aos escoceses do Dundee, são os melhores representantes actuais do futebol inglês: boa técnica individual, bom emprego do poder atlético, jogo dentro das normas e defesa seguríssima. É, de todas, a equipa mais certa, mais homogénea e mais «pesada».

Finalmente, o Feijenoord é uma turma irregular, com pouco nome internacional e desejosa de subir a encosta da fama. Está, um pouco, como o Benfica de 1960-61: o mundo do futebol é uma grande máquina com que deseja regalar-se. Não terá um nível técnico por aí além qualquer dos seus elementos; mas tem fogo, desejo de luta, espírito de sacrifício, entusiasmo pelo jogo.

Estas armas, que nos relvados tem empregado largamente, fazem do Feijenoord uma turma parecida, até certo ponto, com o próprio Benfica. E isso leva-nos a pensar que, em vez da vitória certa do Benfica, se deve antes falar da vitória daquela das duas turmas que se empregar com mais empenho, que jogue com maior velocidade, que segure melhor a bola para quebrar o entusiasmo do adversário, que melhor aproveite o contra-ataque como arma perfurante e mais golpes inesperados saiba desferir.

Em resumo: sairá vencedor não o «onze» que apresentar futebol mais académico, mas aquele que jogue mais «à Benfica». É nosso desejo, naturalmente, que sejam os portugueses a conseguir essa toada e a vitória. Mas só ao fim dos dois jogos — ou dos três, se houver necessidade do desempate — se poderá dizer quem preencheu melhor o requisito indispensável da vitória: jogar «À BENFICA».

O Benfica continua a comandar a classificação

do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão

Não se registaram surpresas na vigésima segunda jornada do Campeonato Nacional da Primeira Divisão, continuando o Benfica a comandar a classificação.

Na luta pela fuga aos últimos postos, o Atlético melhorou um pouco a sua posição, mercê dos 2-1 imposto ao Vitória de Setúbal, e a CUF teve as honras da jornada, ao ir empatar a uma bola no campo do Leixões.

Nos outros campos, os resultados foram os seguintes:

Feirense-Benfica, 1-6; Guimarães-Olhansen, 2-1; Sporting-Académica, 5-1; Barreirense-Belenenses, 0-1; e Lusitano-Futebol Clube do Porto, 0-1.

A classificação geral, depois desta jornada, ficou ordenada como se segue:

	Pontos
Benfica,	40
Porto,	37
Sporting,	33
Belenenses,	29
Leixões,	24
Guimarães,	24
Lusitano,	22
Olhansen,	18
Setúbal,	17
Académica,	16
CUF,	15
Barreirense,	13
Atlético,	12
Feirense,	7

Na segunda divisão, o Varzim e o Seixal continuam no comando das respectivas zonas. Nos jogos efectuados na vigésima segunda jornada, os resultados foram os seguintes:

ZONA NORTE:

Castelo Branco-Sanjoanense, 1-1; Oliveirense-Académico, 5-3; Vianense-Braga, 0-1; Espinho-Covilhã, 0-1; Salgueiros-Marinense, 3-0; Varzim-Boavista, 4-1; e Beira Mar-Leça, 2-2.

ZONA SUL:

Montijo-Lusitano, 2-0; Portalegrense-Torriense, 5-2; Covilha-Piedade-Alhandra, 1-1; Luso-Oriental, 0-1; Silves-Seixal, 1-1; Farense-Sacavenense, 3-0; e Peniche-Portimonense, 2-1.

As classificações gerais são agora as seguintes:

Zona Norte:	Pontos
Varzim,	36
Covilhã,	31
Braga,	30
Beira Mar,	29
Oliveirense,	29
Leça,	22
Marinense,	20
Espinho,	18
Castelo Branco,	17
Sanjoanense,	17
Boavista,	16
Salgueiros,	16
Vianense,	14
Académica de Viseu,	13

O Benfica fulcro da atenção Holandesa

Encontra-se em Portugal uma equipa de filmagem da televisão holandesa, que está a compilar um filme sobre o Benfica.

Ao encontro que os encarregados foram disputar ao campo do Feirense os técnicos holandeses não faltaram, tendo ficado — segundo disseram — maravilhados com

Eusébio. Declarou o realizador Van Leyendenneck, no jornal desportivo «A Bola» a esse respeito:

— «Em Amsterdão, o Feijenoord só vencerá a meia-final da Taça dos Campeões Europeus se conseguir anular Eusébio. Mas, se Eusébio joga como hoje, então é tudo perdido.»

Primeiro: O HOMEM

(Continuação da 1.ª página)

sições, tem de criar também adesões.»

Quer isto dizer: não basta haver leis muito bem feitas e órgãos especializados para impor a sua execução. É indispensável um movimento de adesão geral, um movimento de integração no espírito e no objectivo dessas leis. É claro que, para isso, é ao contrário do que alguns possam julgar, há-de ser preciso partir do centro para a periferia, é mister partir de um escol, de uma elite, de uma aristocracia moral, que saiba encabeçar, esclarecer e dirigir um povo a que não faltam qualidades naturais. Haverá, talvez, quem franza o sobrolho, ao ler a palavra «aristocracia» — mas importa não confundir esta com os sinais externos, nem com os meios de constituição de uma aristocracia. Antigamente havia a aristocracia do sangue, que admitia também, pelo menos entre nós, outras formas de ingresso, além da hereditariedade. A Igreja tem uma aristocracia baseada na escolha e em alguns casos na eleição. Os países têm as suas aristocracias, como as têm as organizações supra-nacionais

ou internacionais. O comum tem a sua aristocracia comandada perfeitamente em graus na ideologia e nas técnicas de acção. A aristocracia — no sentido de escol — mesmo tempo activo e formativo (reparem que o principal está aqui: ser ao mesmo tempo activo e formativo) tem de obedecer a dois princípios para a sua constituição. O primeiro é este: ser imitavelmente democrático. Não aqui paradoxos. É que de ir procurar os melhores a todos os sectores da população, a todas as classes, a todos os meios. O segundo — é seguramente, antes de mais nada, uma escola de moços, uma escola de formação portuguesa. Como isso se consegue entregando melhores aos que não são como portugueses, ou pelo menos do que a formação espiritual se consegue fazendo-se de rar as taxas de incidência impostos, haveria aqui um rolário a desenvolver. Não temos tempo. Como não temos tempo para dizer mais, que o parecer das tantas públicas nos sugeriu.

Mas talvez já tenhamos recebido... A.

RAMOS

Naquele tempo, ignara multidão
Das terras da Judá e Palestina,
Para ouvir de Jesus a pregação
Sobre a nascente divinal doutrina,

Estradas e carreiros percorria,
E em delírio aclamava, sem cessar,
O que, montado na jumenta, ia
A J'rusalém a Páscoa celebrar.

— Ao Filho de David, hosana!... hosana!...
Sempre exultando, aquela mole humana
Louva O que vem em nome do Senhor.

Mas não via que ao lado de Jesus,
Pairando sobre os Ramos, ia a Cruz
Onde agonizaria o Redentor.